

## Aproveitamento de algumas espécies do "cerrado" na Arborização de Cidades, especialmente em Brasília

HENRIQUE P. VELOSO

Inicialmente queremos tornar claro que não somos paisagistas e nem temos a pretensão de criticar os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a arborização de nossa cidade. Fazendo êste pequeno estudo sôbre parques e jardins o que desejamos é, como técnicos, contribuir com a nossa experiência e observação geográfica para um possível aproveitamento da flora local como elemento paisagista das nossas cidades. Como prova de que isto é perfeitamente possível, basta lembrar que ainda no século passado, GLAZIOU procurou reconstituir no Passeio Público, praça da República, etc., o ambiente predominante na paisagem local, com árvores altas e frondosas, providas de fôlhas pequenas membranadas. Conseguiu o grande naturalista francês uma vitória que até hoje, por todos, é conhecida e elogiada. As críticas que porventura possam ser feitas a sua magnífica obra, pertencem à atualidade, pois, com as dificuldades da época, ou seja, pobreza de técnica e falta de experiência sôbre reflorestamento só poderia ter usado, como usou, elementos exóticos perfeitamente estudados. Com esta observação pretendemos esclarecer que, em nossa opinião, as regiões fisiográficas brasileiras é que deveriam oferecer aos paisagistas os elementos para organização dos parques e jardins das nossas cidades. Acreditamos que atualmente ainda persistem muitas dificuldades técnicas, daí a insistência no uso indiscriminado de espécies exóticas na arborização. Não é isto, entretanto, o que mais chama a atenção dos que têm senso estético e conhecimento biogeográfico, pois, ao que visam os paisagistas é a reconstrução da paisagem que na maioria das vezes não é obtida por falta de elementos. É, portanto, aos geógrafos e outros especialistas que cabe, fornecendo seus técnicos em agricultura, demonstrar as possibilidades de suas realizações.

Com êste pensamento é que pretendemos orientar o nosso trabalho. Para exemplificar o que afirmamos anteriormente citaremos o seguinte fato: em excursões realizadas nos estados de Mato Grosso e Goiás e posteriormente no oeste de Minas Gerais, ficamos impressionados com a violenta mudança da paisagem assim que penetrávamos numa rua, jardim ou praça das grandes cidades do oeste brasileiro. Muito mais chocante foi a observação da paisagem em Goiânia. Tratando-se de cidade bastante nova, encravada no meio dos campos cerrados, savanas naturais, cujas árvores espaçadas ocupam terreno coberto por tapête gramináceo e cortados com bastante freqüência pelos ribeirões, povoados por espécie de grotas de matas não raramente entremeadas por belíssimas palmeiras, esperávamos encontrar, naturalmente, como elementos de arborização as plantas mais características da savana. Tal, porém, não aconteceu. Ali encontramos plantas completamente estranhas à região. Isto advém de dificuldades técnicas, pois, não há estudos sôbre plantas nativas. Daí os hortos, quer municipais, quer estaduais, sômente fornecerem mudas e sementes de flamboyant, oitis, palmeira real, etc., como plantas ornamentais para arborização.

Queremos aqui salientar, embora nada se tenha referido sôbre o trabalho do atual chefe do hórto de Paraopeba, o fato de que em Minas Gerais está se desenvolvendo um programa sôbre sementeira e transplante de plantas arbóreas de nossas savanas.

Outro fato a citar são as experimentações fisiológicas realizadas pela Faculdade de Filosofia de São Paulo, em Emas, sôbre plantas de nossos campos cerrados. Nessas viagens de estudos nunca deixamos de observar e anotar as mais belas árvores sôbre o ponto de vista da arboricultura; ULLE já em 1894 no seu relatório à Comissão de Estudos da Região do Novo Distrito Federal, escrevia sôbre várias espécies do cerrado, como elementos, que poderiam ser aproveitados em arborização. Temos hoje grandes esperanças na concretização

<sup>1</sup> Parte do simposium sôbre a savana brasileira, realizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros em 14-11-1958.

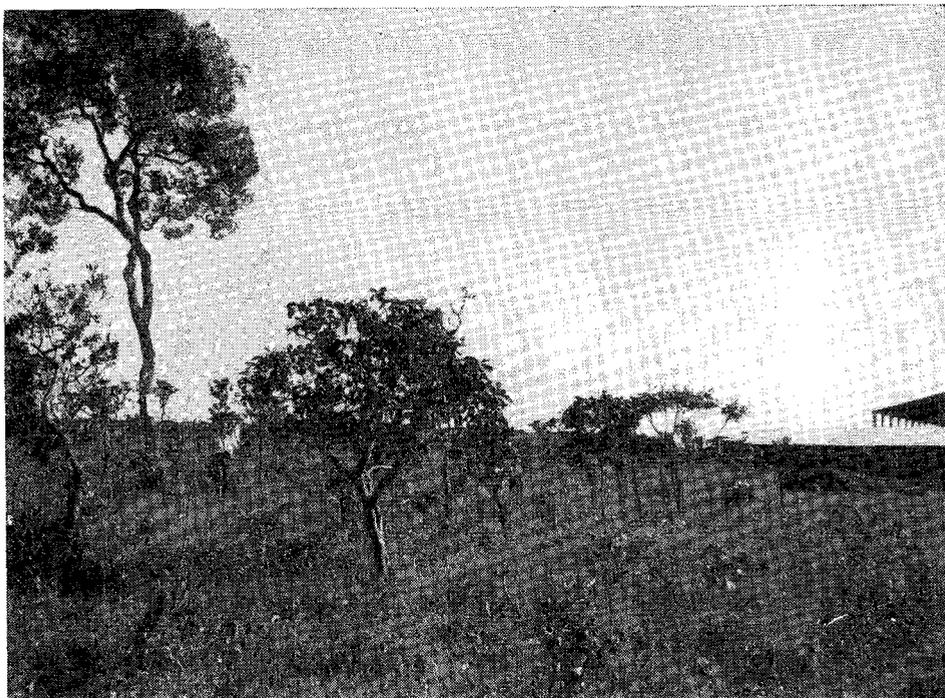


Foto 1 — Aspecto tomado na área onde se construiu Brasília e cuja fitosiografia regional deveria ser conservada ou, pelo menos fornecer aos paisagistas muitos elementos para a arborização daquela cidade.

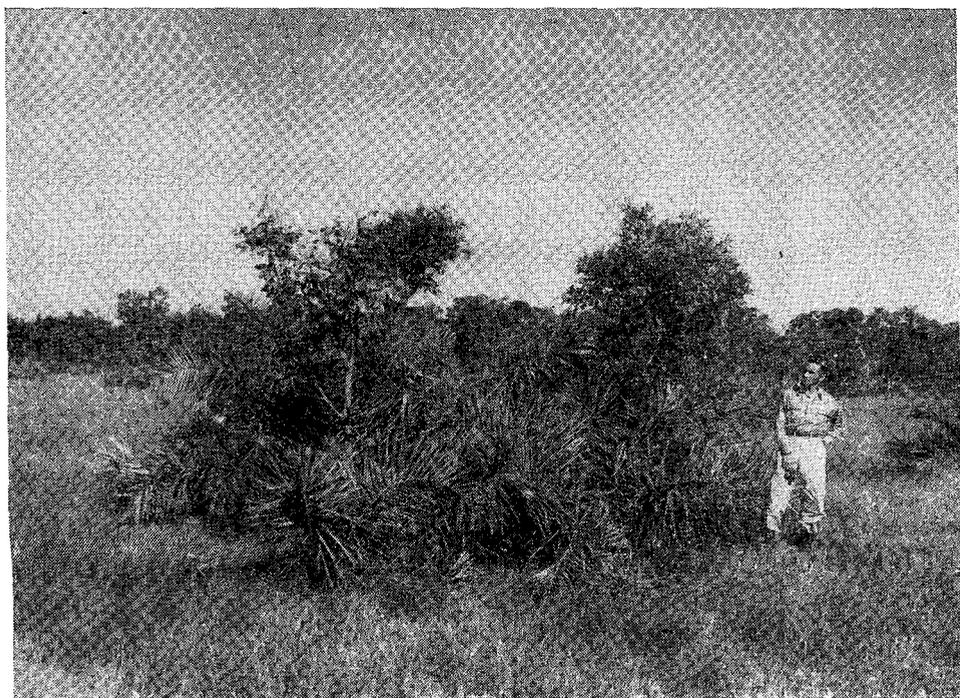


Foto 2 — As palmeiras anãs por sua resistência ao transplante e beleza singela são indicadas como plantas ornamentais a serem aproveitadas na organização de jardins e praças públicas.

dos nossos sonhos não só por experiência própria, como também, baseados nas de terceiros. Tivemos, após, quinze anos de pesquisas num trabalho de fitossociologia a primeira oportunidade oferecida pelo atual chefe do Conselho Florestal de Brasília, o Dr. EUDORO DE BARROS, para executar experimentações sobre transplante de algumas árvores visando a dar aos paisagistas da futura capital da República elementos locais já formados para arborização. O nosso objetivo foi, pois, fornecer aos técnicos de Brasília um incentivo ao aproveitamento das mais belas árvores existentes nas proximidades como elemento para arborização rápida das avenidas, ruas e praças da nova cidade.

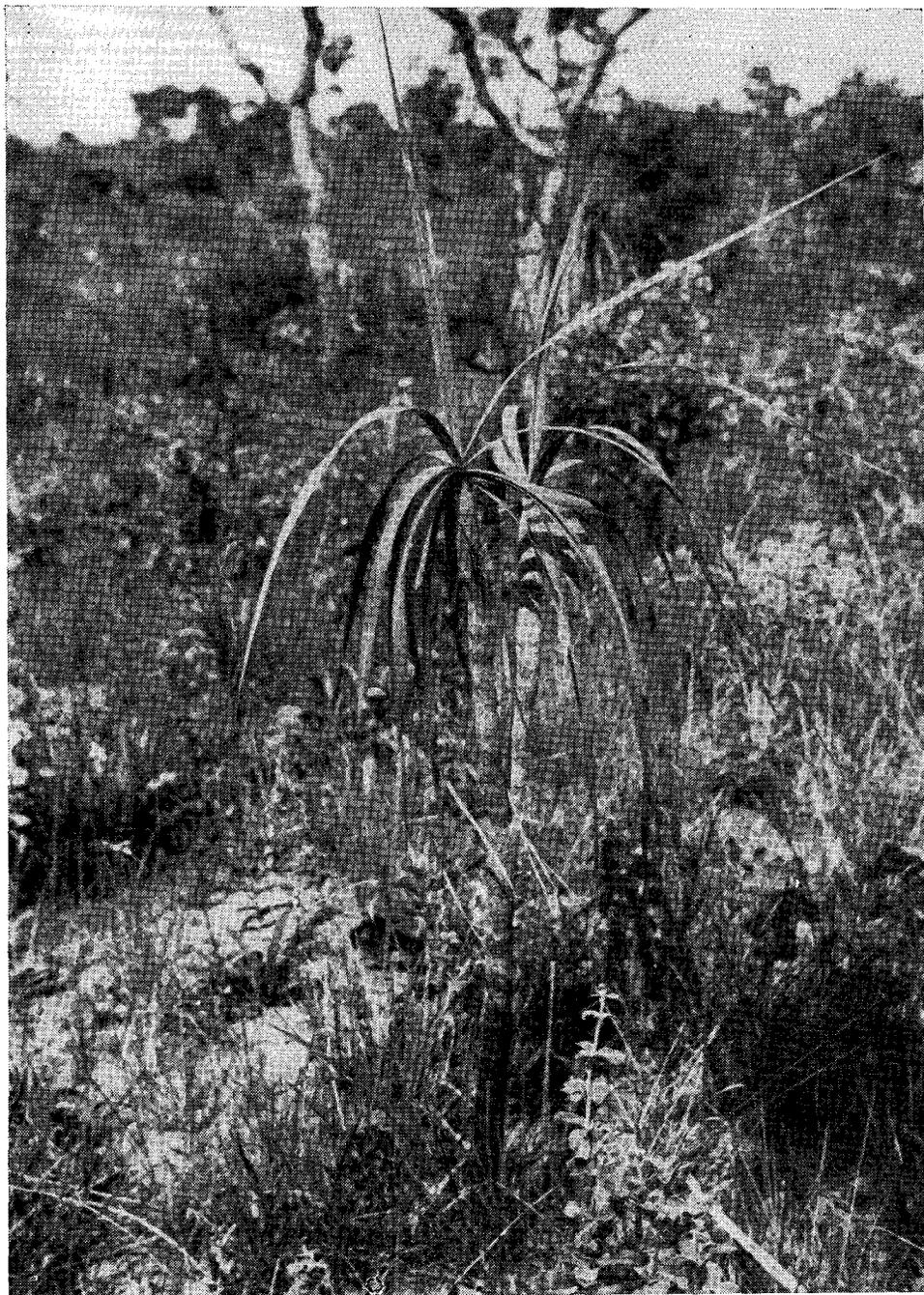


Foto 3 — "Canela-de-ema", velostácea muito comum nos cerrados da Região Central e de grande efeito ornamental quer para ajardinamentos públicos ou mesmo particulares.

Assim é que nossas experiências preliminares visaram a uma espécie — o pau-de-tucano — árvore de folhas diferentes, de cor verde escura, cuja altura varia entre cinco e oito metros, com raízes laterais fortes, flores amarelo-ouro, com pequenos frutos cujas sementes aladas são espalhadas pelos fortes ventos de agosto e setembro. Essa espécie possuidora de todos os requisitos para um ótimo elemento de arborização de ruas mostrou-se bastante resistente ao transplante, tanto assim que, de vinte exemplares plantados somente cinco morreram. Fato curioso a observar é que, das cinco mortes, quatro foram transplantadas com raízes nuas, provando que não se deve usar raízes descobertas no transplante dessa espécie.

Foi também experimentado o transplante de algumas palmeiras anãs das savanas locais, belíssimas, com seus estipes delgados e de folhagem abundante. Com essas foram obtidos melhores resultados no transplante, pois além de não morrerem, poucos cuidados agrícolas exigiram. Ao lado destas plantas resolvemos plantar a velosíacea "canela-de-ema", que não é superior mas é bonita. Obtivemos ótimos resultados. Sendo planta bastante ornamental deveria ser usada em jardins e praças públicas ou mesmo particulares. Essas experiências foram realizadas em maio com resultados bastante promissores e repetidas em agosto, visando ao mesmo objetivo.



Foto 4 — O buriti, uma das palmeiras mais características do Brasil Central apesar de ser encontrada com mais frequência nos solos úmidos, pode ser facilmente transplantada para outras áreas mais secas e por isso mesmo poderá ser convenientemente aproveitada na paisagem urbana da nova capital.

Ampliando o nosso campo de ação resolvemos transplantar, em fase experimental, como as outras, o "buriti". À primeira vista, o buriti é uma planta que parece não ser possível transplantar porque seu *habitat* natural é a região de brejo. Porém, observando com atenção notamos a existência de considerável número de buritis fora dessa região, e vivendo em condições melhores do que no brejo. É apenas uma questão de dispersão fácil da semente, pois, a época das chuvas coincide com a frutificação. Assim, quando chegam as primeiras chuvas as sementes e os frutos caem. Por serem leves são levadas pelas correntes d'água e em pouco tempo aparecem, nas margens, verdadeiras linhas formadas por aquela espécie.

Estudando-se savanas, logicamente, recaímos no problema da ocupação e aproveitamento pelo homem de áreas de campos cerrados que cobrem, juntamente com a caatinga, mais ou menos dois terços do Brasil. Torna-se, então, necessário fazer uma série de considerações de ordem de planejamento. A área sobre a qual continuaremos nosso estudo é a de Brasília, não só porque a conhecemos desde

1947, como também, porque está sendo ocupada mais recentemente e precedida por estudos técnicos urbanísticos, agropecuários e industriais. Assim é que no perímetro urbano e suas imediações só deveria ser permitido nas ruas, jardins e parques, o plantio de árvores que representassem tipos regionais brasileiros. Estes parques ou praças que seriam representados pelos elementos mais característicos de cada tipo vegetativo passariam a fazer parte de um conjunto harmonioso onde o paisagista com sua arte criaria uma condição histórica de cidade moderna, representativa do mesmo território pátrio. Teríamos assim o centro urbano arborizado e ajardinado conforme o senso artístico dos paisagistas obedecendo a um critério de estética com a paisagem geral e os parques ou praças representando as regiões fitogeográficas como cocais, pinheirais, matas como as da Amazônia, costeira, etc. As dificuldades técnicas seriam a nosso ver facilmente superadas, pois, a ecologia e os conhecimentos até agora acumulados pelos técnicos resolveriam as questões de solo, microclimas etc. Situada em região de cerrado e conseqüentemente região de solo depauperado, já que aí não encontramos solos de primeira ordem nem de segunda, poderia ser aprontada para arborização e reconstrução de uma flora arbórea empregando-se, para isso, a adubação por indivíduo e a irrigação abundante. Estes processos seriam de fácil aplicação uma vez que água não falta em Brasília e o material orgânico é, também, facilmente obtido. Infelizmente, sobre o assunto, no momento, nada se está fazendo em Brasília. O pouco realizado nada representa por ser iniciativa de técnicos que não têm participação direta na urbanização da cidade. Sugerimos que o grupo da Novacap encarregado da urbanização de Brasília entre em contacto com idéias e planos de geógrafos, pois, somente com esta visão de conjunto é que o governo poderá realizar em Brasília obra verdadeiramente nova, revolucionando o paisagismo em nossa terra.